

AS MÚLTIPLAS FORMAS DE TRABALHO DAS DOCENTES: ADMINISTRAÇÃO ENTRE TRABALHO REMUNERADO E NÃO REMUNERADO

RAFAELA GARCIA GIMENES¹; MARILIS LEMOS DE ALMEIDA²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelagimenes3@gmail.com¹

²Universidade Federal de Pelotas – marilis_almeida@yahoo.com.br²

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta o primeiro resultado da ideia de analisar as rotinas das professoras de ensino médio da cidade de Pelotas entre 2025 e 2026. Irei problematizar como trabalhadoras docentes mulheres administram seus tempos de trabalho remunerado, trabalho doméstico não remunerado e trabalho de cuidado, considerando a divisão sexual do trabalho a partir da metodologia de uso do tempo.

O conceito de “divisão sexual do trabalho” trata-se de mecanismos que criam e perpetuam desigualdades sociais e de gênero no mercado de trabalho remunerado, trabalho doméstico não remunerado e de cuidado. Incluem-se divisão de cargos, remunerações desiguais, divisão de tarefas domésticas e de cuidado. Histórica e socialmente, há a designação das mulheres ao trabalho reprodutivo e dos homens ao trabalho produtivo (HIRATA, 2007). É organizado pela separação — certas carreiras, funções e responsabilidades são atribuídas socialmente e diferencialmente a homens e mulheres, baseada na naturalização de diferenças biológicas — e hierarquia — historicamente, os trabalhos atribuídos aos homens são mais valorizados social, econômica e simbolicamente do que os trabalhos atribuídos às mulheres. Essa divisão é dinâmica, se reconfigura, mas os trabalhos considerados “produtivos”, exercidos no espaço público, são destinados aos homens, enquanto o reprodutivo (esfera doméstica), ou ligado ao cuidado (como docência e enfermagem), é designado às mulheres. A divisão sexual do trabalho está articulada interseccionalmente também com classe, raça e etnia, igualmente produzindo desigualdades que se, se reforçam mutuamente.

Além do seu trabalho, também o tempo das mulheres é apropriado na medida em que o trabalho não remunerado é atribuído a elas (ÁVILA, 2010). As fronteiras do circuito do cuidado são fluídas, as mulheres estão em constante negociação e indo além de seus limites de tempo em nome do cuidado, que não é visto como trabalho e sim como ajuda. É uma rede de “ajuda” mútua entre mulheres com o fim de tentar aliviar a tensão da jornada, mas só as deixa mais sobrecarregadas (GUIMARÃES, 2023). Ao terem seu tempo apropriado pelo cuidado, a saúde física e mental destas mulheres é prejudicada, na medida em que esse tempo comprometido poderia ser utilizado tanto para seu bem-estar e lazer, quanto para aperfeiçoar o seu trabalho, estudar ou o que for de sua preferência.

Tanto o trabalho docente, quanto o trabalho de cuidado são considerados trabalho emocional, dado o esforço emocional mobilizado para administrar os sentimentos, e performar publicamente emoções consideradas adequadas, na vida profissional e privada. Ocorre com mais frequência em grupos considerados subalternos, e no caso de um recorte de gênero, nas mulheres. Por ser exercido no ambiente laboral, tem valor de troca à medida que é realizado por salário. Essa administração das emoções pode ter efeitos nocivos na saúde dessas trabalhadoras, como perda de autenticidade. Essa jornada pode ir além do trabalho remunerado, considerando as expectativas emocionais que recaem às mulheres, como o estigma de dona de casa. (HOCHSCHILD, 2003).

Considerando o recorte das professoras, o trabalho remunerado docente é rodeado de percalços como tempo remunerado insuficiente para a realização de todas as atividades pedagógicas fora da sala de aula, infraestrutura inadequada, dentre outros. O trabalho emocional é também presente na profissão, considerando esses aspectos que podem provocar emoções como stress, raiva, tristeza, medo e culpa. Mas também amor, envolvimento afetivos com os problemas dos alunos.

Meu problema de pesquisa é como as múltiplas formas de trabalho das professoras, considerando trabalho remunerado, trabalho doméstico não remunerado e trabalho de cuidado, afetam a saúde e a prática pedagógica das professoras de ensino médio da cidade de Pelotas, e de que maneira a falta de políticas públicas e a divisão sexual do trabalho agravam essa situação.

Meu objetivo é analisar os impactos da rotina das professoras considerando todas as formas de trabalho atribuído a elas, trabalho remunerado, trabalho doméstico não remunerado e trabalho de cuidado, a partir da hipótese que estes influenciam na saúde e no trabalho pedagógico das professoras de ensino médio de Pelotas, considerando desigualdades de gênero e falta de apoio institucional.

2. METODOLOGIA

A partir de um levantamento bibliográfico, foi evidenciado teorias referentes ao trabalho remunerado, trabalho não remunerado e trabalho emocional exercido pelas mulheres. Adotou-se as teorias de Helena Hirata, Daniele Kergoat, Nadya Araújo Guimarães e Arlie Hochschild

Pretende-se, com o decorrer da pesquisa, utilizar a metodologia de uso do tempo no modelo qualitativo (AGUIAR, 2010), com entrevistas individuais e estruturadas, com o fim de descobrir sobre como se dá a administração da rotina das professoras. Serão abordados aspectos como quantidade de tempo reservado para cada forma de trabalho, separação entre os componentes do domicílio do trabalho doméstico não remunerado e realização profissional.

Para abordar a questão do trabalho emocional, dimensão presente tanto no trabalho docente quanto no trabalho de cuidado, irei realizar rodas de conversas com as professoras, considerando que a metodologia permite uma troca de vivências e possíveis identificações entre as professoras. Essas características metodológicas se mostram essenciais pois essa performance emocional, além de ser comum dentre as mulheres, compromete diretamente suas rotinas, saúde e performances laborais.

O recorte é professoras de 25 a 59 anos, independente do seu estado civil (solteiras, casadas, viúvas e/ou divorciadas) e de todas as categorias de cor ou raça segundo os critérios do IBGE (pretas, pardas, brancas, amarelas e indígenas), no período de 2025 até 2026, que lecionam no ensino médio. Esse recorte amplo se mostra pertinente considerando possíveis desigualdades referentes a raça, classe que se interseccionam (COLLINS, 2022) na rotina total de trabalho destas mulheres, considerando a possibilidade do emprego de uma trabalhadora doméstica remunerada e/ou a necessidade de políticas públicas voltadas ao auxílio do cuidado, como creches públicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

PICANÇO et al (2023) em pesquisa realizada a partir de dados do Family and Changing Gender Roles, do International Social Survey Programme (ISS), constata que atribuições domésticas não remuneradas são designadas às mulheres independente do tempo disposto ao trabalho remunerado, a partir de valores de gênero. A autora também destaca a diferença no tempo destinado às atividades

domésticas entre mulheres negras e brancas segundo dados do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE. Mulheres brancas gastam em média 24,2 horas semanais, enquanto as negras 27,8 horas. Diferença que se mantém também para mulheres que trabalham fora de casa, com 26 horas semanais para negras e 23,9 horas semanais para brancas.

À medida que a classe social de casais heteronormativos se eleva, a diferença no tempo destinado a tarefas domésticas não remuneradas diminui. Independente se são ou não chefes da família, as mulheres gastam mais tempo nas atividades domésticas. Porém, a renda e a raça ainda são fatores importantes, considerando que quando essas mulheres podem pagar por ajuda no âmbito doméstico, outras mulheres são contratadas, em sua maioria mulheres negras (SORJ, 2013).

Culturalmente, os princípios da separação e hierarquia são os pilares da divisão sexual do trabalho, os quais são sustentados material e historicamente. Ainda nessa hierarquia, se tem uma divisão de trabalho reprodutivo para mulheres e produtivo para homens, sustentadas na naturalização de supostas diferenças biológicas (ÁVILA, 2010).

Segundo dados do PNAD do ano de 2019, em pesquisa feita por GARCIA (2022), as mulheres de 14 anos ou mais realizaram 92% de trabalho doméstico não remunerado, enquanto os homens 78%. Enquanto nas atividades de cuidados, as mulheres de 14 anos ou mais totalizaram 33%, e os homens da mesma faixa etária 24%.

O lecionar no ensino básico é marcado pela sobrecarga de trabalho, estrutura inadequada e desvalorização social e econômica. Dar aula em mais de uma escola, onde deve-se considerar o tempo de deslocamento entre elas, tempo inapropriado para realizar o trabalho extraclasse são características da rotina dos professores e professoras entrevistados. O tempo livre e de trabalho é misturado, acarretando no prejuízo do descanso dos docentes, e consequentemente, na sua saúde (LUZ, 2017). Somado a isso, o trabalho emocional contribui para o estresse e adoecimento das professoras, considerando emoções mobilizadas no cotidiano de trabalho tanto como docente, amor aos alunos, autorresponsabilização pelos seus destinos, quanto como cuidadoras, as moralidades em torno de cuidar como ato de amor e obrigação moral. Essa dimensão moral e emocional pode acarretar a dificuldade em estabelecer limites e acentuar a performance das emoções. O afeto, obrigação e a moral se misturam, e o cuidado emocional torna-se uma obrigação.

4. CONCLUSÕES

Evidenciou-se nesse artigo, a necessidade de políticas públicas voltadas o auxílio das famílias na questão do cuidado. Creches públicas e a garantia do seu acesso, campanhas de conscientização voltadas a valorização do trabalho não remunerado para assim repensar perspectivas que perpetuam práticas misóginas, sexistas, racistas e classistas.

A pesquisa lança luz também a valorização da profissão docente, e o reconhecimento de professores e professoras que lutam por uma educação de qualidade, que não é possível sem profissionais saudáveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, N. Metodologias para o Levantamento do Uso do Tempo na Vida Cotidiana no Brasil. **Revista Econômica**, v. 12, n. 1, p. 64-82, 2010.

ÁVILA, M. B.. O Tempo do Trabalho Produtivo e Reprodutivo na Vida Cotidiana. **Revista ABET**, v. IX, n. 2, p. 53-70, 2010.

BONELLI, M. G. Arlie Russell Hochschild e a Sociologia das Emoções. **Cadernos pagu**, p.357-372, 2003.

COLLINS, P. H. **Bem Mais que Ideias: A Interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

GARCIA, B. C.; MARCONDES, G. S. As Desigualdades da Reprodução: Homens e Mulheres no Trabalho Doméstico Não Remunerado. **Revista Brasileira de Estudos de População**, p. 1-23, 2022.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de pesquisa**, p. 595-608, 2007.

HOCHSCHILD, A. R. The managed heart: commercialization of human feeling. Berkeley and Los Angeles: University of California, 2003.

LUZ, L. C. S. O. Os Tempos Sociais e a Docência na Educação Básica em Goiás: A Proeminência dos Tempos de Trabalho. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás.

PICANÇO, F.; SUSSAI, M. C.; SENTO-SE, I. V.; ARAÚJO, C.. Sempre Elas? Valores e Divisão do Trabalho Doméstico em Perspectiva Comparada. **Cadernos De Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, p. 1-27, 2024.

PINHO, I. V.; FERREIRA, L. P.; GOBBI, F.. O Enlace entre Trabalho, Cuidado e Gênero: uma entrevista com Nadya Araujo Guimarães. **Revista Áskesis**, v. 12, p. 258-289, 2023.

SORJ, B. Arenas de Cuidado nas Interseções entre Gênero e Classe Social no Brasil. **Cadernos De Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, p. 478–491, 2013.